

O CANTO DA CIGARRA

PAULA DA CUNHA CORRÊA

*Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Universidade de São Paulo*

Se hoje, de modo geral, o estrilar das cigarras não nos agrada, assim como já desagradava a alguns latinos¹, para os gregos antigos, desde Homero, o seu canto era um doce dom das Musas. Na *Ticoscopia*², o aedo compara anciãos troianos com cigarras:

150 γήραϊ δὴ πολέμοιο πεπαυμένοι, ἀλλ' ἀγορηταί
ἔσθλοί, τεττίγεσσι ν' εἰκότες, οἳ τε καὶ ὕλην
δενδρέω ἐφεζόμενοι ὅπα λειριόεσσαν ἱεῖσί
τοῖσι ἄρα Τρώων ἠγήτορες ἦντ' ἐπὶ πύργῳ.

150 “Veteranos, à guerra não mais se prestavam,
mas, hábeis no falar, semelhavam cigarras
nas árvores ciciando, suave som de lírio.
Assim, na torre, assentes, os chefes troianos.”³

A passagem evoca o antigo preceito, de ampla circulação, segundo o qual os homens devam ser tanto bons guerreiros quanto bons oradores⁴. Se, por um lado, é natural que os jovens sejam melhores na luta, por outro, os velhos, com maior experiência e menor força física, tendem a superá-los na fala.

¹ Cf. VIRGÍLIO. *Bucólicas*, 2.13-14; *Geórgicas*, 3.327-330.

² HOMERO. *Iliada*, 3, 150-153.

³ Tradução de Haroldo de Campos (*Iliada de Homero*. São Paulo: Mandarim, 2001. v. 1). Cf. KIRK, G. S. *The Iliad: A Commentary*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. v. 1, p. 284, para a discussão sobre *δενδρέω* e *ἦντο*, formas “lingüísticamente tardias” que sugerem que “o símile pertença à fase mais desenvolvida da língua da poesia épica oral”.

⁴ Cf. RICHARDSON, B. E. *Old Age among the Ancient Greeks*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1933, p. 15-30, e, para Arquíloco (1), CORRÊA, P. da CUNHA. *Armas e Varões: A Guerra na Lírica de Arquíloco*. São Paulo: UNESP, 1998, p. 77-91. O ideal é expresso em HOMERO. *Iliada*, 4, 58; Arquíloco (1); Sólon (27.13); PLUTARCO. *Fócio*, 7.6; ATENEU. *Deipnosophistas*, 14.626ss; TEMÍSTIO. *Discurso*, 15; *Antologia Palatina*, 9.389 e Nicéforo Basilakis (*Enc. Io*. 108 Maisano).

Idealmente, porém, pregava-se a busca de excelência nessas duas atividades complementares. No símile da *Iliáda*, os velhos são bons oradores, sentados sobre os muros, assim como, sobre as árvores na mata, as cigarras servem às Musas. Por causa de sua idade avançada, os troianos não podem mais ser bons guerreiros e oradores, como o “eu” em Arquíloco (1 *IEG*), que se ufana de ser a um só tempo “servo do senhor Eníalio” e “conhecedor dos dons das Musas”.

Mas, por que comparar anciãos eloqüentes com cigarras? A imagem pode evocar o mito de Titono, o eterno velho transformado em cigarra⁵. Na imagem iliádica, a voz dos líderes troianos, assim como a das cigarras, é semelhante a lírios, “lírios” (*leiróessa*). Se o sentido desse adjetivo é controverso⁶, a qualificação não pode ser pejorativa, pois na *Teogonia* (39-42) são as Musas que têm voz de lírio:

τῶν δ' ἀκάματος ῥέει αὐδῆ
ἐκ στομάτων ἠδεῖ ἄγε λᾶ δέ τε δώματα πατρός
Ζητὸς ἐριγδοῦπι ο θεᾶν ὄπι λειριοέσση
σκιδναμένῃ

Infatigável flui o som
40 *das bocas, suave. Brilha o palácio do pai*
Zeus troante quando a voz líria das deusas
espalha-se [...]

Em Apolônio de Rodes (4.903) são as Sirenas que “emitem, de suas bocas, voz líria”⁸. “Doces” ou “suaves” como lírios são, portanto, a fala dos anciãos, o canto das cigarras, das Musas e das Sirenas. Nesse contexto, compreende-se o “Mito das cigarras” do *Fedro* de Platão, sobre os encantos e perigos da *música*⁹. Sócrates convence Fedro a aproveitarem a sombra para discutir a escrita bela e o seu contrário, pois “as cigarras, no calor, parecem estar sobre as [suas] cabeças, observando-[os], cantando e dialogando entre si”¹⁰. Se “o coro de

⁵ Cf. *Hino Homérico a Afrodite* (218-38), Safo (58V), Mímnermo (4), Helânico (4F140), Sérvio (*Comm. Georg.* III.328).

⁶ Cf. CRESSEY, J. The grasshopper minds of the Greeks and Romans. *Liverpool Classical Monthly*, Liverpool, v. 4, p. 37-40, 1979. Na *Iliáda* (13.830) e em Quinto de Esmirna (2.418), o termo qualifica a pele como “clara” ou “delicada”.

⁷ Tradução de J. A. A. Torrano (HESÍODO. *Teogonia: A origem dos deuses*. São Paulo: Massao Ohnó Roswitha Kempf, 1981). Cf. WEST, M. L. (Ed.). *Theogony*. Oxford: Clarendon Press, 1966, p. 171.

⁸ Apolônio de Rodes (4.903: ἔσαν ἐκ στομάτων ὅσα λείριον). Veja também *IG* (14.1934f6).

⁹ Cf. GRISWOLD, C. *Self-Knowledge in Plato's Phaedrus*. New Haven: Yale University Press, 1986, p. 165-168.

¹⁰ PLATÃO. *Fedro*, 258e.

cigarras” não os visse conversando, “mas dormindo, encantados por elas, em virtude de uma preguiça da razão”, deles zombariam¹¹. No entanto, continua Sócrates, se elas os vissem “conversando e navegando por elas, como por Sirenas, sem [serem] encantados”, talvez elas ficassem contentes e conceder-lhes-iam o dom que receberam dos deuses. Fedro ignora que “dom” é esse, e Sócrates então o explica:

λέγεται δὲ ὡς ποτὶ ἦσαν οὗτοι ἄνθρωποι τῶν πρὶν Μούσας γεγονέναι, γενομένων δὲ Μουσῶν καὶ φανείσης ὑδῆς οὕτως ἄρα τινὲς τῶν τότε ἐξεπλόγησαν ὑφ’ ἡδονῆς, ὥστε ἄδοντες ἠμελησαν σίτων τε καὶ ποτῶν, καὶ ἔλαθον τελευτήσαντες αὐτούς· ἐξ ὧν τὸ τεττίγων γένος μετ’ ἐκεῖνο φύεται, γέρας τοῦτο παρὰ Μουσῶν λαβόν, μηδὲν τροφῆς δεῖσθαι γενόμενον, ἀλλ’ ἄσιτόν τε καὶ ἄποτον εὐθύς ἄδειν, ἕως ἂν τελευτήσῃ, καὶ μετὰ ταῦτα ἐλθὼν παρὰ Μούσας ἀπαγγέλλειν, τίς τίνα αὐτῶν τιμᾷ τῶν ἐνθάδε.

“Conta-se que, certa vez, antes das Musas terem nascido, [as cigarras] eram homens. Quando as Musas nasceram e surgiu o canto, alguns deles ficaram tão aturdidos de prazer que cantavam esquecendo-se da comida e da bebida e, sem perceber, morriam. Desses, surgiu depois a raça das cigarras que recebeu das Musas o seguinte privilégio: não carecer de alimento desde o nascimento, mas, sem comida e sem bebida, cantar de contínuo até a morte. Depois, elas vão às Musas anunciar quem, daqui, as honra, e a qual delas honra.”

A seguir, Sócrates enumera as Musas e, entre elas, Urânia, a filosófica. Por causa dela, Sócrates e Fedro não devem adormecer às vistas das cigarras, mas continuar dialogando. Mais adiante, Sócrates alega não possuir nenhuma arte (*tékhnē*) da fala e sugere que talvez as cigarras fossem “responsáveis” pelos primeiros discursos do diálogo, o seu e o de Fedro, que constituem a Palinódia: “as profetisas das Musas que cantam sobre nossas cabeças, inspirando-nos, teriam nos concedido esse privilégio”¹². Não há outros paralelos para esse mito criado, aparentemente, por Platão¹³. Mas, como vimos, a relação das cigarras com as Musas, tendo em vista o seu dom, não é inusitada¹⁴. O próprio Platão foi mais tarde comparado

¹¹ PLATÃO. *Fedro*, 230c3.

¹² PLATÃO. *Fedro*, 262d.

¹³ FRÜTIGER, P. *Les Mythes de Platon*. Paris: Felix Alcan, 1930. p. 233.

¹⁴ Há outros mitos relativos às cigarras: porque elas depositavam os seus ovos dentro da terra, surgiu o mito de que eram “autóctones” (cf. KELLER, O. *Die Antike Tierwelt*. Hildesheim: Olms, 1963. v. 2, p. 401-2). Daí o costume dos atenienses arcaicos que usavam presilhas em forma de cigarra em seus cabelos como símbolo de sua “autoctonia”. Cf. τεττιγοφόρας em Aristófanes (*Cavaleiros*, 1331; *Nuvens*, 984), Tucídides (1.6.3), Ásio (fr. 13K in Douris *FGH* 76 F 60), Heraclides (in ATENEU. *Deipnosophistas*, 512c = fr. 55 Wehrli), Eustácio (395.34) e Tzetzes (*H.1.233*). Em Simônides (174 Bergk) ἁμέτεροι τέττιγες pode

com uma cigarra por Timão¹⁵ (c. 320 - c. 230 a. C.) o cético, discípulo de Pírrro que, em registro paródico, evoca o símile da *Iliada*:

τῶν πάντων δ' ἡγεῖτο πλατίστακος, ἀλλ' ἀγορητῆς
ἡδυεπῆς, τέττιζιν ἰσογράφος, οἱ θ' Ἑκαδήμου
δένδρει ἐφεζόμενοι ὅπα λειριόεσσαν ἰεῖσιν.

*“A todos liderava um peixão, mas era orador
doce, cópia da cigarra, e os de Hecademo,
sentados na árvore, emitiam voz líria.”*

Hesíodo¹⁶ diz que as cigarras cantam mais e mais alto no calor do verão

ἦμος δὲ σκόλυμός τ' ἀνθῆι καὶ ἡζέτα τέττιζ
δενδρέω ἐφεζόμενος λιγυρὴν καταχεύει κοιδῆν
πικνὸν ὑπὸ πτερύγων

*“Quando floresce a alcachofra e a trinante cigarra,
Sentada sobre uma árvore, derrama clara canção
sob as asas.”¹⁷*

Essa célebre passagem serviu de modelo para Alceu (347 V), que traz elementos dos versos hesiódicos em nova formulação¹⁸:

N τέγγε πλεύμονας οἴνωι, τὸ γὰρ ἄστρον περιτέλλεται,
ἃ δ' ὄρα χαλεπὰ, πάντα δὲ δίψαισ' ὑπὰ καύματος,

ser uma referência aos meninos do coro, ou a um penteado semelhante ao descrito por Tucídides (cf. KIRK, 1985, p. 39).

¹⁵ Diógenes Laércio (3.7-8, Diels 30 = *Suppl. Hell.* 804): ἀλλὰ καὶ ὁ Τίμων εἰς τὸν Πλάτωνα λέγων φησί.

¹⁶ HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*, 582-4.

¹⁷ Embora o escólio à passagem afirme que a cigarra canta “batendo as asas”, Hesíodo parece saber como a cigarra canta, o som vindo de uma caixa de ressonância torácica que ficava “sob as asas”. O mecanismo é descrito mais tarde por Aristóteles (*História dos Animais*, 532b17, 535b7-9, *Da Respiração*, 475a1-20). Cf. Contra: BODSON, L. La Stridulation des Cigales. Poésie Grecque et Réalité Entomologique. *L'Antiquité Classique*, Bruxelles, v. 45, p. 75-94, 1976 (ver p. 78, 82, 92), para quem Hesíodo, assim como Alceu (347 V), atribuiu o som da cigarra ao bater das asas, enquanto que Arquíloco (223) evidenciava ter ciência correta acerca da origem do som. Só cigarras macho cantam (ARISTÓTELES. *História dos Animais*, 5.30, 556b; PLÍNIO, 11.92, ELIANO. *Sobre as Características dos Animais*, 1.20), o que, segundo o poeta cômico Xenarco, é causa de sua felicidade, pois assim só eles falam e as suas esposas não têm voz (fr.14 K-A: εἴτ' εἰσὶν οἱ τέττιγες οἰκ εἰδαίμονες | ὧν ταῖς γυναῖξιν οὐδ' ὀτιοῦν φωνῆς ἔνι).

¹⁸ Este fragmento atribuído por Ahrens e Wilamowitz a Safo é, segundo Page e Lobel (cf. LOBEL, E.; PAGE, D. *Poetarum Lesbiorum Fragmenta*. Oxford: Oxford University Press, 1955, p. 303), provavelmente de Alceu, como Bergk já havia antes indicado.

5 ἄζει δ' ἐκ πετάλων ἄδεα τέττιζ...
 ἄνθει δὲ σκόλυμος, νῦν δὲ γύναικες μιαρῶταται
 λέπτοι δ' ἄνδρες, ἔπει < > κεφάαλν καὶ γόνα Σείριος
 ἄσδει

*Encharca os pulmões com vinho, pois o astro completa o ciclo
 e a estação é difícil. Tudo tem sede neste calor
 e, através das folhas, trina a doce cigarra...
 Floresce a alcachofra, agora que as mulheres são mais polutas
 e os homens impotentes, quando a cabeça e os joelhos o Sítio
 escora.*

Ecos do verso 582 de Hesíodo (*Os Trabalhos e os Dias*) também se encontram no *Escudo de Hércules*, onde as cigarras não comem nem bebem (como no mito platônico), mas vivem de orvalho, cantando sem cessar¹⁹:

395 ἦμος δὲ χλοερῷ κυανόπτερος ἠχέτα τέττιζ
 ὄζω ἐφεζόμενος θέρους ἀνθρώποισιν αἰίδειν
 ἄρχεται, ᾧ τε πόσις καὶ βρῶσις θῆλυς ἔέρση,
 καὶ τε πανημέριός τε καὶ ἡώιος χέει αὐδῆν
 ἴδει ἐν αἰνοτάτῳ, ὅτε τε χροά Σείριος ἄζει

*“Quando a trinante cigarra de asas negras,
 em verde ramo sentada, o verão, para os homens,
 começa a cantar, ela, cuja bebida e comida é o fêmeo orvalho,
 o dia inteiro, desde a aurora, derrama o seu canto
 no calor feroz, quando o Sítio escora a pele...”*

A cigarra é protegida não só pelas Musas, mas também por Apolo, como evidenciam moedas de Camarina, Caulonia e de Atenas, nas quais ela figura ao lado do deus. Segundo Keller²⁰, as cigarras podem ter sido associadas não só com o Apolo, deus da música, mas também com o Apolo Esminteu que, como o asiático Baal ou Beelzebub, preside sobre as criaturas e doenças (febres, pragas) do calor do verão²¹. Pois, ao meio dia, quando o calor é mais intenso, elas cantam (ou parecem cantar) mais alto, seja porque essa é a hora em que o seu trinar se destaca no silêncio e torpor geral causado pelo sol do verão²², seja porque os

¹⁹ *O Escudo*, 393-97.

²⁰ KELLER, 1963, v. 2, p. 402.

²¹ Cf. ARISTÓFANES. *Aves*, 1096 e *Anacreonteia*, 34.13.

²² Segundo Dunbar (DUNBAR, N. (Ed.) *Aristophanes: Birds*. Oxford: Clarendon Press, 1995, p. 588), é o

raios do deus solar têm sobre elas um “efeito especial”. É assim que as descreve o coro de aves, “enlouquecidas pelo sol” e felizes por não temerem o frio do inverno nem o sol do verão, pois têm como proteção as folhas nos campos floridos²³:

1095 ἦνικ' ἄν ὁ θεσπέσιος ὄξει μέλος ἀζέτας
θάλπεσι μεσημβρινοῖς ἡλιομανῆς βοᾶ.

“quando a divina Trinante²⁴ troa aguda canção,
enlouquecida pelo sol, pelo calor do meio-dia.”

Quando o sol (Apolo) está a pino, ele parece inspirar-lhes com uma *mania*²⁵. Não é fortuito que o mesmo termo que indica a procedência divina do canto das cigarras nesses versos (*thespésios*²⁶) seja também empregado por Homero para qualificar as Sirenas²⁷ e, por Platão, com referência à inspiração de oradores²⁸, sofistas²⁹, e para uma vida “aparentemente bem sucedida”³⁰.

É também nas *Aves* de Aristófanes que as cigarras figuram, pela primeira vez, sob uma luz não muito favorável. Euélpides queixa-se dos atenienses dizendo que³¹:

οἱ μὲν γὰρ οὖν τέττιγες ἕνα μῆν' ἢ δύο
ἐπὶ τῶν κραδῶν ἄδουσ', Ἀθηναῖοι δ' ἀεὶ
ἐπὶ τῶν δικῶν ἄδουσι πάντα τὸν βίον.

“as cigarras, por um ou dois meses,
cantam sobre os galbos. Mas os atenienses sempre
cantam sobre as tribunas, por toda a vida”.

contraste entre o silêncio do meio-dia e o canto das cigarras que deve ter dado origem à crença de que sejam divinamente inspiradas.

²³ ARISTÓFANES. *Aves*, 1095-96.

²⁴ Para ἡχέτης [ἀζέτας] com referência à cigarra, cf. HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*, 582 (cf. WEST, M. L. (Ed.). *Works and Days*. Oxford: Clarendon Press, 1978, p. 304); *O Escudo*, 393; Alceu (347.4 V ἄχει); PLATÃO. *Fedro*, 230c e *Meleagro* (13 GP). Aqui, como em Aristófanes (*Paz*, 1159), Aristóteles (*História dos Animais*, 24.1), Anânio (5.6) e Eustácio (*Il.* 3.150), o termo é um sinônimo para “cigarra”. Cf. também CALÍMACO, 1.29 Pfeiffer.

²⁵ Cf. *heliomanés*, traduzido por “enlouquecida pelo sol” em ARISTÓFANES. *Aves*, 1096, e *methyskómenos* em Tzetzes (*supra*).

²⁶ ARISTÓFANES. *Aves*, 1095.

²⁷ HOMERO. *Odisséia*, 12.158.

²⁸ PLATÃO. *Entidemo*, 289e.

²⁹ PLATÃO. *Teeteto*, 151b.

³⁰ PLATÃO. *República*, 365b, 558a.

³¹ ARISTÓFANES. *Aves*, 39-41.

A comparação com o comportamento dos atenienses nos processos introduz uma crítica à ociosidade das cigarras que nada mais faziam, durante o alto verão, senão cantar. Como nota Dunbar³², talvez Aristófanes conhecesse a hoje célebre *Fábula da Cigarra e da Formiga*³³:

χειμῶνος ὤρη σῖτον ἐκ μυχοῦ σύρων
 ἔψυχε μύρμηξ, ὃν θέρους σεσωρεύκει.
 τέττιξ δὲ τοῦτον ἰκέτευε λιμώττων
 δοῦναί τι καὶ τῷ τῆς τροφῆς, ὅπως ζῆση.
 5 “τί οὖν ἐποίειξ φησί τῷ θέρει τούτῳ;
 “οὐκ ἐσχόλαζον, ἀλλὰ διετέλουν ἄδων.”
 γέλασας δ’ ὁ μύρμηξ τόν τε πυρὸν ἐγκλείων
 “χειμῶνος ὄρχοῦ, φησὶν εἰ θέρους ἦύλεις”

[κρεῖττον τὸ φροντίζειν ἀναγκαίων χρείων ἢ τὸ προσέχειν <νοῦν> τερψεσίν
 <τε> καὶ κῶμοις.]

“No inverno, arrastando o grão do fundo da casa,
 a formiga secava o que no verão ajuntara.
 E a cigarra, faminta,
 suplicou-lhe um pouco de comida para viver.
 5 ‘O que então fazias’, disse, ‘nesse verão?’
 ‘Não tive folga, passei o tempo cantando.’
 E, rindo, a formiga trançou o grão.
 ‘Dança no inverno’, respondeu, ‘se flauteaste no verão’.

[É melhor pensar nas necessidades do que ter a mente voltada para prazeres e folias.]”

A laboriosa formiga, ao zombar da cigarra que “flauteou” (literalmente, “tocou o *aulós*”) no verão³⁴, não concebe a música como um “dom das Musas” ou de Apolo, mas como leviandade. No entanto, a própria cigarra afirma que não teve “ócio” (*eskhólazon*), mas passou todo o tempo cantando, ocupando-se de uma atividade “musical”. Atrás da moral mais óbvia que prega a ética do trabalho, valorizando a diligência e previsão, a fábula deixa entrever um preconceito contra “músicos” e artistas em geral, presente até hoje em nossa expressão “levar a vida na flauta”. Para garantir o seu efeito, o autor da fábula ignorou um detalhe

³² DUNBAR, 1995, p. 148.

³³ ESOPPO, 373 P, 336 Ch = 140 Bábrio.

³⁴ Cf. KELLER, 1963, v. 2, p. 403 para representações gráficas da cigarra como tocadora de *aulós* na Antigüidade tardia.

não raro na “mitologia” da cigarra: o fato de que pode passar a vida cantando ininterruptamente, sem comer nem beber. Pois esse foi o dom que as Musas lhe concederam. A cigarra não carece de comida nem de bebida³⁵, mas vive, literalmente, de brisa e de orvalho³⁶.

No entanto, como notamos com relação à raposa, à águia e ao macaco, a figuração dos animais nas fábulas esópicas não é coerente. Na fábula 241 Perry (335 Chambry), a raposa, desejando devorar uma cigarra, admira o seu belo canto, elogia a voz da cigarra e a convida a descer da árvore. Mas a cigarra é precavida. Por já ter visto asas de cigarras nos bigodes de uma raposa, diz que descerá, mas lança em seu lugar uma folha seca sobre a qual a raposa, iludida, avança³⁷.

No período Helenístico, a cigarra constituía um elemento importante na evocação do idílio bucólico³⁸. Em *Dafnis e Cloé*³⁹, há um longo episódio sobre uma cigarra que, fugindo da andorinha, encontra refúgio no seio de Cloé e acorda-a com o seu canto alegre. Há também a anedota da cigarra que conquistou para Eunomo da Lócrida o primeiro prêmio no concurso de música. Quando, no meio da performance, uma corda de sua cítara arrebentou, a cigarra pousou no instrumento e cantou a nota que faltava⁴⁰.

Uma série de epígrafes na *Antologia Palatina*, compostas em honra da cigarra, retrata o inseto com os mesmos atributos que se encontram nas fontes mais antigas: o canto doce ao sol do meio-dia, no calor do verão, e a sua associação com as Musas⁴¹. Um poema da *Anacreôntea* (34), imitado e traduzido em tempos modernos por Goethe, Heredia e Aicard, reúne admiravelmente quase todas as características supracitadas:

³⁵ ARISTÓFANES. *Nuvens*, 1360; PLATÃO. *Fedro*, 259c.

³⁶ *O Escudo*, 393-97; ARISTÓTELES. *História dos Animais*, 532b1; TEÓCRITO, 4.15-16; *Antologia Palatina*, 6.120, 9.373; *Anacreôntea*, 34; PLUTARCO. *Questões de Convívios*, 660f; ELIANO. *Sobre as Características dos Animais*, 1.20, Meleagro (*Antologia Palatina*, 7.195, 196).

³⁷ Para a cigarra como tira-gosto, cf. ATENEU. *Deipnosophistas*, 4.133b; ANAXANDRIDES, 42.59 K-A e *Antologia Palatina*, 9.373.

³⁸ TEÓCRITO, 1.148, 5.110, 16.94ss; LUCIANO. *Amores*, 18. No período arcaico, cf. HESÍODO. *Os Trabalhos e os Dias*, 582-84 e ALCEU, 347 V.

³⁹ LONGO. *Dafnis e Cloé*, 1.11.

⁴⁰ TIMEU, 566 F 43.

⁴¹ Meleagro (*Antologia Palatina*, 7.195, 196), Aristódico de Rodas (*Antologia Palatina*, 7.189), Anite ou Leônidas (*Antologia Palatina*, 7.190), Mnasalca (*Antologia Palatina*, 7.192, 194), Símiás (*Antologia Palatina*, 7.193), Panfilo (*Antologia Palatina*, 7.201), Arquias (*Antologia Palatina*, 7.213), Eveno (*Antologia Palatina*, 9.122). Em alguns epigramas, é a própria cigarra morta que se lamenta: Faeno (*Antologia Palatina*, 7.197), Leônidas de Tarento (*Antologia Palatina*, 7.198), Nícias (*Antologia Palatina*, 7.200) e Anônimo (*Antologia Palatina*, 9.373).

μακαρίζομέν σε, τέττιζ,
 ὅτε δενδρέων ἐπὶ ἄκρων
 ὀλίγην δρόσον πεπωκώς
 βασιλεὺς ὅπως αἰίδεις.
 5 σὰ γάρ ἐστι κείνα πάντα
 ὅποσα βλέπεις ἐν ἀγροῖς
 ἵκοπόσαί φέρουσιν ἕλαι.
 σὺ δὲ φείδεαι γεωργῶν,
 ἀπὸ μηδενός τι βλάπτων
 10 σὺ δὲ τίμιος βροτοῖσιν,
 θέρους γλυκῆς προφήτης.
 φιλέουσι μὲν σε Μοῦσαι,
 φιλέει δὲ Φοῖβος αὐτός,
 λιγυρὴν δ' ἔδωκεν ὄμην
 15 τὸ δὲ γῆρας οὐ σε τείρει.⁴²
 σοφέ, γηγενής, φίλυμε,
 ἀπαθής, ἀναιμόσαρκέ
 σχεδὸν εἰ θεοῖς ὅμοιος

*“Abençoamos-te, cigarra,
 quando, no alto das árvores,
 com pouco orvalho já saciada,
 cantas como um rei.
 Pois tuas são todas as coisas
 que vês nos campos
 e que produzem as matas.
 Tu poupas os lavradores,
 em nada lhes prejudicando,
 tu és honrada pelos mortais,
 doce profeta do verão.
 Amam-te as Musas,
 ama-te o próprio Febo,
 e claro canto concedeu-te.
 A velhice não te consome,
 ó sábia, nascida da terra, amante da canção,
 sem-dores, sem-sangue,
 és quase simil aos deuses.”*

⁴² Cf. Calímaco (1.29ss Pfeiffer), que diz pretender evitar a velhice transformando-se em uma cigarra.

RESUMO

No *Fedro*, Sócrates alega não possuir nenhuma arte (*τέχνη*) da fala e sugere que talvez as cigarras fossem “responsáveis” pelos primeiros discursos do diálogo, o seu e o de Fedro, que constituem a Palinódia (262d). Este estudo procura contextualizar o “Mito das cigarras” sobre os encantos e perigos da música, narrado por Platão, a partir do exame do “êthos” da cigarra na poesia e fábula grega antiga.

Palavras-chave: *Fedro*. Cigarras. Música e poesia. Inspiração poética.

ABSTRACT

In the *Phaedrus*, Sócrates says he has no art (*techné*) of speech and suggests that perhaps the cicada were “responsible” for the first speeches in the dialogue, his and that of Phaedrus that constitute the Palinode (262d). This paper proposes a contextualization of the “Myth of the cicada” on the charms and dangers of music narrated by Plato through the study of the “êthos” of the cicada in ancient Greek poetry and fable.

Key words: *Phaedrus*. Cicada. Music and poetry. Poetical inspiration.